

ENTREVISTA

AS FORMAS E CORES DA COEXISTÊNCIA E DA INTEGRAÇÃO

Anderson Rodrigues de Oliveira

por Sandro Prado Santos¹

Essa edição da Revista de Ensino de Biologia (REnBio) estreia a seção “**Comunidade SBEnBio**” com o ganhador do concurso da criação de Identidade visual para a Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) e para a REnBio, o licenciando em Ciências Biológicas Anderson Rodrigues de Oliveira dialogou conosco nesta entrevista. Suas trajetórias formativas, como estudante da educação básica e do ensino superior, são apresentadas e tecidas nas relações com seus interesses pela Ciências Biológicas. Anderson nos conta sobre alguns das curiosidades e desafios que despertaram o seu interesse pelo Edital do concurso para criação das propostas de identidade visual da SBEnBio e da REnBio. Em uma conversa instigante e interessante, ele relata sua relação apaixonada com elementos da biologia e de que forma ela foi compondo com a criação de sua concepção artística. Também, ressalta como os princípios de - Interdependência – harmonia – diversidade – foram dialogando com a proposta de intervenção estética, bem como integralizando-os com uma perspectiva educacional, sobretudo da educação em biologia. No final do nosso diálogo, Anderson retoma alguns elementos do seu processo criativo e nos conta sobre a insurgência da ideia de utilização dos favos de mel como elemento integrativo da biologia com a educação.

Convidamos você a acompanhar a entrevista.

1. Quem é Anderson Rodrigues de Oliveira?

Bem, para chegarmos no momento presente, posso retomar parte da minha trajetória que considero importante. Nasci em 1998 no estado da Paraíba, numa pequena cidade chamada Pombal e me mudei para Taubaté, interior de São Paulo com meus pais quando tinha apenas 3 anos.

Dos 3 aos 6, morávamos num sítio, onde meus pais eram caseiros. Minha mãe, nos tempos de folga pintava alguns tecidos e meu pai sempre cuidou de mudas de plantas. Depois fomos para a área urbanizada da cidade e eu passei a frequentar de forma regular a escola.

¹ Doutor em Educação - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG - Brasil. Professor adjunto - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG - Brasil. Comissão Editorial da REnBio



Até os 15 anos muita coisa mudou e eu decidi entrar no ensino médio que tinha curso técnico também. Fiz técnico em Marketing e foi nessa mesma idade que recordei das mudas que meu pai gostava de plantar e tomei muito interesse pela disciplina de biologia no ensino médio, já que meu professor tinha o costume de nos levar todo ano para fazermos trilha em uma reserva de Mata Atlântica que tinha na cidade de São Luiz do Paraitinga.

Logo que sai do ensino médio, já técnico em Marketing e querendo cursar biologia, comecei a trabalhar principalmente com mídias sociais e design como freelancer e meu objetivo naquele momento era levantar uma reserva de dinheiro para poder fazer uma faculdade pública em outro estado.

Em 2017, passei na UEMG Ibirité para o curso de Ciências Biológicas e me mudei para Belo Horizonte. Foi um bom momento por lá, principalmente nas atividades de extensão que realizei com educação do campo e outras propostas bioculturais no “Kaipora”, o laboratório de estudos bioculturais. Nesse mesmo ano eu me envolvi com um cursinho popular que era desenvolvido por alunos da biologia da UEMG e decidi fazer o ENEM para olhar a prova para os alunos do cursinho.

Acabou que minha nota de redação foi muito boa e estudar na UEMG estava ficando financeiramente difícil, já que o deslocamento era bem longo. Decidi então fazer minha matrícula na UFMG em 2018 também em Ciências Biológicas, como licenciatura e estou lá até hoje.

Atualmente sou estagiário na Assessoria de Divulgação Científica e Comunicação Social do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG e faço iniciação científica no Laboratório de Fisiologia Sensorial e Comportamental, utilizando principalmente abelhas como modelo de estudo.

2. Nos conte como foi a insurgência (o que despertou teu interesse) de uma proposta de identidade visual para a SBEnBio e para a REnBio?

Quando o edital saiu, muitas pessoas que sabiam que eu já trabalhei de freelancer como designer e já tinha feito identidade visual com algumas marcas, me enviaram o edital.

Eu estava um tanto atrasado para mandar, considerando o tempo de concepção da arte, mas fiquei curioso para competir, já que em outros editais eu nunca ganhava.

A questão toda foi pensar “*Bem, não custa tentar*”. Felizmente deu certo.

3. Como é sua relação com os elementos da Biologia, pensando na sua concepção artística dos logotipos da SBEnBio e da REnBio?

Antes mesmo de entrar na biologia eu sempre tive encanto pelas relações ecológicas entre os seres. Aquela coisa do ensino médio de mutualismo, competição e parasitismo. Todas essas relações me intrigavam.

Então integração e coexistência me pareciam mecanismos e emergências dos processos vivos que não eram somente importantes para sobrevivência, mas para mim eram bonitos, conceitualmente falando.

Dessa forma minha concepção artística para as marcas da Associação e da Revista foram só uma forma de eu exprimir essa admiração por essas duas questões intrínsecas aos seres vivos.

4. Comente quais os princípios e de que como eles compuseram a criação de sua proposta de intervenção estética.

Bem, saindo um pouco da parte epistemológica de como eu gosto de observar a vida, tive em mente que aquilo era uma peça gráfica que teria um público e um objetivo.



Meu primeiro cuidado foi escolher as cores e as formas. A forma principal do símbolo que é a representação do mapa do Brasil foi escolhida para demonstrar a abrangência dos filiados da Associação e as cores, junto às formas hexagonais me ajudaram a passar a ideia dos favos de mel de forma gradativa. Procurei usar tons que pudessem ser encontrados na natureza, que no fim das contas harmonizassem.

No caso da marca da Revista, queria modernizar a proposta com apenas duas cores, as mais claras, e propor uma intervenção que muitos consideram “brega” no design que é incluir uma das letras no símbolo, mas gostei do resultado final.



5. Fale um pouco sobre o seu processo criativo na/da intervenção estética para a SBEnBio e REnBio.

Depois de ter pensado nas formas e nas cores, bastava agora fazer. Esse “bastava”, nada tem de simples, porque o processo de transportar a idealização para a prática as vezes simplesmente não funciona, não fica legal ou algo assim.

Mas nesse caso foi bem fluido. Depois de desenhar um pouco na lousa e no papel uns rascunhos, decidi começar a colocar no programa. Demorou um tempo até encaixar todos os hexágonos de forma harmônica, mas funcionou. Fui alterando a ordem das cores, da inclinação do símbolo e pronto.

Na verdade, nem tanto, pois faltava a tipografia. Aí cacei uma boa fonte para usar na sigla e na assinatura, que fosse institucional, mas ao mesmo tempo não fosse muito antiquada. Quando vi, já estava mandando o material para o e-mail de inscrição.



6. Interdependência – harmonia – diversidade. Pode falar um pouco sobre como essas ideias integram princípios da biologia com a perspectiva educacional?

Essa é uma visão de perspectiva, claro, já que dependendo do ângulo podemos trocar a palavra “harmonia” por “conflito” e muitas coisas serão respondidas e evidenciadas, seja olhando na perspectiva educacional por Vygotsky, ou no conflito entre seres vivos por Darwin. Mas para uma criação visual, preferi manter o viés harmônico, já que a marca deveria ser agradável. Dos três pontos, esse é o mais discutível, do ponto de vista conceitual.



Mas interdependência e diversidade são quase inegáveis. Tanto na biologia quanto na educação podemos ver forças e indivíduos que conversam, se relacionam, em diferentes graus de necessidade e, ao mesmo tempo, são indivíduos com suas próprias ideias, histórias, divindades, tradições, formas de experimentar a realidade, necessidades fisiológicas e psicológicas. Alguns desses parâmetros valem para sala de aula, outros para as relações de seres numa floresta, ou para ambos. Ou seja, os seres e os saberes se cruzam, mas os indivíduos, sejam eles sapiens ou não, são exclusivos e sua existência e formas de coexistir, independentemente do tempo de vida, é única.

7. Conte-nos como surgiu a ideia da utilização dos favos de mel como elemento integrativo da biologia com a educação.

Como disse, na minha iniciação científica (IC), utilizamos abelhas para fazermos os experimentos comportamentais. Sempre soube da importância delas nos processos de polinização, mas quando entrei no laboratório aprendi mais sobre como elas experienciam o mundo e interagem. Fiquei encantado pelas formas de socialização delas e como uma colmeia parece funcionar como um organismo vivo.

Descobri, estudando os artigos nas discussões da minha IC, que esses bichinhos têm processos de aprendizagem muito interessantes então biologicamente, esses estudos me pareciam muito reveladores, já que quando pensamos em comportamento, logo vem à mente animais grandes como mamíferos e aves.

Acabei escolhendo essa forma dos favos de mel como uma vontade, talvez um pouco utópica e sonhadora, de que a educação deve ser mais orgânica, mas se possível, não hierárquica como é em uma colmeia, mas sim integrativa com outros seres, como nos processos de polinização, onde a troca é o agente mais importante.



Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Técnico em marketing do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Estagiário da Assessoria de Comunicação Social e Divulgação Científica no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2125685092586544>